**CRIA DE ESCOLA PÚBLICA, PRESENTE! SERÁ QUE O TERMO RALÉ É REALMENTE REPRESENTATIVO DA COMPLEXIDADE DAS CLASSES POPULARES?**

Elcio Arian do Carmo Cunha, UFF –

Programa de Pós-Graduação em Educação (Doutorado)

Resumo (no mínimo 500 e no máximo 1.000 caracteres)

O texto investiga a pertinência do termo "Ralé" para descrever as classes populares, propondo uma reflexão sobre sua carga pejorativa e estigmatizante, ainda que numa concepção crítica. Através de relatos pessoais e referências teóricas, examina-se a complexidade das vivências dos alunos de escolas públicas, introduzindo o conceito de "crias" como uma alternativa mais sensível e respeitosa. Destaca-se a importância de uma linguagem inclusiva e do reconhecimento das múltiplas experiências e subjetividades dos sujeitos “periferizados”.

Palavras Chaves: Cotidiano, Classes populares, Escola Pública e Subalternização.

Resumo Expandido:

INTRODUÇÃO

Neste texto, exploro a complexidade do termo "Ralé" na perspectiva de Jessé Souza, confrontando-o com minhas próprias experiências e conexões emocionais com alunos de escolas públicas e como professor e ex-aluno de escola pública. Essa reflexão me leva a questionar a adequação dessa terminologia e a buscar uma abordagem mais sensível e respeitosa para representar as vivências das classes populares. Além disso, introduzo o conceito de "crias", uma expressão que ressalta a importância de reconhecer e valorizar as experiências e subjetividades dos sujeitos periferizados. Ao invocar Ailton Krenak (2022), tenho proponho uma abordagem educacional que valoriza as múltiplas experiências e subjetividades dos alunos, situadas no centro do processo de aprendizagem.

O uso do termo "Ralé" carrega consigo uma carga pejorativa e estigmatizante, ainda que numa vertente crítica. Investigar se esse termo realmente reflete a diversidade e complexidade das classes populares pode contribuir para uma linguagem mais inclusiva e respeitosa. Ao questionar a adequação do termo "Ralé" para descrever as classes populares, a pesquisa pode contribuir para o avanço do conhecimento na área de estudos sociais, especialmente no que diz respeito à construção e desconstrução de estereótipos.

Em que medida o termo 'Ralé', é adequado para descrever a diversidade e complexidade das classes populares, considerando sua carga pejorativa e estigmatizante, e como sua desconstrução pode contribuir para uma linguagem mais inclusiva e respeitosa nos estudos das escolas públicas das classes populares?

UMA HISTÓRIA JAMBALAIA

Caminhando entre histórias do cotidiano, me deparo com um roteiro tanto próximo quanto distante. Próximo, pois estava fisicamente ao meu lado; distante, pois não foi reconhecido por mim. Parto para uma das histórias do Prédio Jambalaia.

O termo "Jambalaia" remete originalmente a uma iguaria da culinária de Nova Orleans, um prato típico da região, uma mistura de arroz, carne e frutos do mar. No Brasil, ficou conhecido também através de um programa de televisão de humor, "Sai de Baixo", em que um dos personagens, Caco Antibes, usava a expressão para se referir a uma situação bagunçada, confusa ou caótica, fazendo alusão à mistura característica do prato. O Jambalaia era um condomínio dessa série, que inspirou o batismo de um prédio abandonado no bairro de Campo Grande, Rio de Janeiro, que, visto de fora, em parte reproduzia este estereótipo.

Como morador do bairro, ouvia frequentemente histórias relacionadas à violência e assumia o receio de passar próximo a esse prédio, adotando sem crítica a ideia de que o espaço de moradia para as classes populares está associado à violência. Essas histórias afastavam a possibilidade de me aproximar do prédio, alimentando a ausência e propagando uma postura de distanciamento reproduzida por estereótipos.

Estereótipos que podem produzir a ideia de que os moradores mais pobres do bairro se concentram em espaços afetados pela violência, gerando um lugar a ser temido. Eu, que luto contra a reprodução desses estereótipos, imperceptivelmente também alimentava esses pensamentos.

A pobreza e a miséria no Brasil são complexas, como aponta Souza (2018). Não se limitam à exclusão das classes populares por falta de acesso ao trabalho formal, cidadania e dignidade básica. Há outras formas de exclusão, relacionadas à estigmatização e discriminação, que incluem dimensões culturais e sociais, negando a identidade do sujeito, como um morador do próprio bairro.

O Jambalaia deveria ter sido um conjunto habitacional para moradores emergentes de Campo Grande, mas a interrupção de suas obras levou à ocupação por moradores de baixa renda. Um processo marcado por disputas intensas, ocupações e desocupações, com entrada e saída de moradores ao longo do tempo. Esse processo afetou o valor especulativo das residências nas proximidades, representando um declínio para a região.

Nessa luta pela moradia e pela construção do bairro, houve a produção de um olhar estigmatizado sobre os moradores do prédio. Observo a construção do 'outro' e a produção dessa visão pelo olhar subalterno daqueles que não têm acesso ao direito à habitação.

Nos bairros populares, há a produção e reprodução de pensamentos hierarquizantes que criam a ideia do 'outro', que pode ser reduzido, apagado e excluído. Isso reflete e fomenta desigualdades estruturais presentes na sociedade, com diferentes tecidos sociais formados por acordos, tensões e cisões que produzem exclusões e reproduzem ideologias que marginalizam.

Um episódio particular no Jambalaia me fez repensar meus preconceitos. Um aluno meu, que morava lá, despertou minha raiva quando ouvi colegas professores criticando sua aparência e higiene. Ao abordá-lo, descobri sua difícil realidade familiar e a responsabilidade precoce que ele carregava. E, como aponta Garcia (2002) observar com olhares mais sensíveis as crianças.

Esse encontro foi uma “pancada” que me fez confrontar minha arrogância e reconhecer a resiliência dos jovens em situações difíceis. Foi um momento de reflexão profunda, que me fez valorizar a importância de olhar para além das aparências e conceitos teóricos, e reconhecer a diversidade de experiências entre os alunos.

Essa experiência me fez questionar onde eles estão hoje e qual é a importância das pesquisas acadêmicas para sujeitos das classes populares como esses meninos do Jambalaia.

RALÉ DE JESSÉ SOUSA

Jessé Souza (2018) utiliza o termo "Ralé " de maneira crítica, e destaca a profunda relação de classe que marca o pensamento hegemônico da sociedade brasileira. Ao atenuar e criticar o que a elite produziu, ele busca evidenciar as disparidades sociais existentes no país. Esse conceito gerou reflexões profundas durante um encontro pedagógico , nos quais debati os textos de Souza para compreender melhor a sociedade e os caminhos a serem seguidos na escola púbica que atuava.

Contudo, ao refletir sobre a aplicação do termo "Ralé", após aquela reunião observei sua densidade, e hoje, hesito devido a questões emocionais. Tenho dificuldade de reproduzir o conceito de forma direta, apesar de reconhecer que os sujeitos periferizados enfrentam segregações e ações subalternizadoras, conforme apontado nos textos de Souza.

A resistência em utilizar essa nomenclatura surge durante uma investigação sobre a vida de alunos aos quais ministrei aulas com carinho. Alunos provenientes de contextos desafiadores e frequentadores de escolas públicas. Cujas histórias se entrelaçam com as minhas experiências pessoais de vida.

Devido à minha conexão afetiva com os estudantes, suas famílias e minha própria história, essa proximidade emocional influencia a abordagem do conceito. Ainda que o termo "ralé" seja funcional na análise de Jessé Souza, minha proximidade emocional com a realidade de alunos da escola pública, leva-me a questionar e adaptar essa terminologia, buscando uma representação mais sensível e respeitosa das experiências vivenciadas por essa parcela da sociedade.

CRIA

Numa escola durante uma experiência cotidiana com um aluno que me chamou de "Tio" para uma conversa significativa foi marcante. Chamou-me de "tio" e propôs uma "conversa de cria". Sua abordagem usando o termo "cria" resumiu a complexidade das vivências das classes populares, cheias de emoções e experiências. Refleti sobre como tratar esses sujeitos, vendo neles uma força vital, marcada por resistências e criações.

O termo "Crias" demarca sua presença e seu território, fugindo do olhar subalternizador. Inspirado por Ailton Krenak (2022), entendi aquela relação como um conjunto de experiências compartilhadas, onde o centro se faz nas vivências cotidianas.

Proponho trazer esse conceito para os sujeitos das escolas públicas, e das classes populares, onde "Crias" em seus territórios são o centro, expressando-se na mostra cultural, no acerto das atividades escolares, nas brincadeiras diárias e nos movimentos das aulas de Educação Física. É uma abordagem que busca entender e respeitar a complexidade dessas experiências, refletindo as lutas, mas também as esperanças e sonhos dentro da comunidade escolar.

CONCLUSÃO

Ao refletir sobre a complexidade do termo "Ralé" e sua adequação para descrever as classes populares, bem como ao explorar a experiência das "crias" nas escolas públicas, percebo a importância de uma linguagem sensível e inclusiva na pesquisa social e educacional. A desconstrução dos estereótipos associados à "Ralé" e a valorização das experiências individuais e subjetividades dos alunos das classes populares são fundamentais para promover uma representação mais autêntica e respeitosa.

Essa abordagem centrada nas "Crias" permite reconhecer sua agência e potencial, contribuindo para uma educação mais significativa e inclusiva. Ao buscar compreender e valorizar as múltiplas perspectivas e experiências dos alunos periferizados, diferente do termo “Ralé” observo a possibilidade da construção de uma abordagem mais justa e equitativa.

Referências:

GARCIA, Regina Leite (ORG). **Crianças essas conhecidas tão desconhecidas**. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

SOUZA, Jessé. **A Ralé Brasileira**: quem é e como vivem. 3ª edição. Belo Horizonte: UFMG, 2016.

TV BRASIL, Complexo Jambalaia é implodido em Campo Grande, no Rio. In: <https://www.youtube.com/watch?v=1zBnVrCbLKc>, Acesso em 30/05/2023.